



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

CORPOS SUBVERSIVOS NA MEMÓRIA CIENTÍFICA

Raimunda Nonata da Silva Machado¹

RESUMO: Onde estão os corpos femininos afrodescendentes na memória científica? Subjugados e destacados? Estas questões nos instigam, sobretudo, porque muitos estudos abordam as principais formas de organização da população africana e afrodescendente no Brasil e não conseguem exprimir, igualmente, a representatividade do protagonismo das mulheres afrodescendentes. São produções que destacam riquezas de experiências do povo negro desde as primeiras expressões do movimento negro, no mundo colonial, com lutas em revoluções, na imprensa e na criação de diferentes entidades sociais como a Frente Negra Brasileira (1931-1937), obliterando a mulher negra. A tentativa é contribuir com projetos de justiça social e cognitiva (SANTOS, 2010), garimpando alguns territórios epistêmicos de participação de mulheres afrodescendentes brasileiras.

Palavras-chave: Mulheres afrodescendentes. Memória. Produções Científicas

INTRODUÇÃO

Onde estão os corpos femininos afrodescendentes?

Subjugados e destacados?

Marcelo Paixão e Flavio Gomes (2012, p. 310) – analisando indicadores de distribuição das ocupações no mercado de trabalho por cor/raça e sexo – constata: “a inserção das mulheres negras no mercado de trabalho é nitidamente pior do que os

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina - Piauí/Brasil. Atua como docente adjunta no Departamento de Educação II do curso de Pedagogia da UFMA, pesquisadora dos Grupos de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero (GEMGe), Gênero, Sexualidade e Práticas Educativas (GESEPE) da UFMA e Núcleo Roda Griô/GEAFFRO da UFPI. E-mail: rainsmachado@gmail.com



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

demais contingentes”. Ocorre que, existem 75% de trabalhadoras sem garantias legais; mais de 20% ocupadas como empregadas domésticas; em relação aos homens, elas somam mais do dobro em situação de desemprego ou desocupada; as ocupadas recebem um terço do rendimento médio dos homens brancos; metade em relação as mulheres brancas e; 66% se a referência for os homens negros.

No magistério, Suelaine Carneiro (2016) mostra a preponderância feminina, nesta ocupação. De 2,674 milhões de professores, 81,1% são mulheres, destas, 78,1%, concentram-se nas séries iniciais (educação infantil e ensino fundamental). Os homens (brancos e negros) somam 63%, destacadamente no ensino médio e na educação superior. Considerando o pertencimento racial, temos: 48,5% de professoras brancas; 32% de negras; 11,3% de professores brancos; 7,4% de negros.

Além disso, as experiências das mulheres afrodescendentes são pouco exploradas nas pesquisas. Nos estudos de Carneiro (2016) vimos apenas uma pesquisa nos anos 1992; 1994 a 1996 e 1999. É a partir do ano de 2003 que se inicia um interesse progressivo pela análise das experiências de mulheres negras nas pesquisas de pós-graduação. Percorrendo o período de 1992 a 2014, a autora levanta 84 pesquisas que dão ênfase às mulheres negras como sujeitos da história, sendo 66 dissertações e 18 teses, dentre as quais, 78 foram produzidas por mulheres, que constituíram outras mulheres como tema prioritário para a realização de seus estudos.

Este artigo faz uma reflexão sobre corpos femininos afrodescendentes sublinhados entre os registros de participações ativistas, que fomentavam reivindicações de melhoria das condições de vida da população negra, no contexto de luta do pós-emancipação do escravismo e como tal fenômeno permanece atualmente.

Portanto, analisamos produções científicas, que abordam experiências da população afrodescendente brasileira, sobretudo, no pós-emancipação do escravismo, bem como dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

Federal do Maranhão (UFMA) e o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia, desta instituição. A tentativa é contribuir com projetos que garimpam territórios epistêmicos de participação de mulheres afrodescendentes brasileiras em posições sociais de prestígio.

ONDE ESTÃO ESSES CORPOS SUBVERSIVOS?

A preocupação com as mulheres negras desponta, no Brasil, somente a partir da década de 1980. A pesquisa pioneira é de Maria Odila Leite da Silva Dias (1985-1995)² sobre a “vida cotidiana de negras, escravas e libertas na São Paulo do século XIX” e Maria Lúcia de Barros Mott (1988) que trata da mulher na luta contra a escravidão, escrito no Centenário da Abolição (PAIXÃO & GOMES, 2012, p. 299).

Desde então, outras pesquisas surgem, entretanto, acessar as vozes femininas, suas formas de luta e protagonismo, significa entrar num labirinto em busca de retalhos para criar um mosaico, sobretudo, se queremos evidenciar produções simbólicas de audácia, resistência e sucessos, sim, sucessos, pouco explorados no período do pós-abolição!

Os sistemas de produção e disseminação de conhecimentos, como as universidades, ignoram as produções culturais e científicas de afrodescendentes. As práticas de exclusões desses intelectuais se manifestam nas formas de resistência quanto ao reconhecimento de suas produções, na ausência, destes, nos programas de ensino, bem como nas bibliografias utilizadas.

² DIAS, Maria Odila L. da S. **Quotidiano e poder em São Paulo no séc. XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DIAS, Maria Odila L. da S. Nas fímbrias da escravidão urbana: negras de tabuleiro e de ganho. **Estudos Econômicos**, 15, n. especial, 1985,89-109.

DIAS, Maria Odila L. da S. **Quotidiano e poder em São Paulo no séc. XIX**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

Sobre este silenciamento epistemológico, Domingues (2007, p. 347) afirma que: “A história da mulher negra no Brasil ainda não foi devidamente contada. Se a historiografia já se ocupou, razoavelmente, da temática da mulher negra na época da escravidão, o mesmo não se pode afirmar para a época do pós-Abolição”. Para este autor:

as pesquisas não costumam fazer justiça à participação da mulher negra na organização. Para o leitor desavisado, fica a impressão de que a FNB só era composta por homens ou só os homens desempenharam um papel de relevância nela e, por isso, merecem entrar para os anais da história”, examinando: “qual foi o papel das mulheres na Frente Negra Brasileira e no seu órgão informativo, o jornal A Voz da Raça? Como as “frentenegrinas” (termo como as mulheres da FNB eram chamadas) se engajaram na luta pela conquista da cidadania? Como elas eram representadas no jornal A Voz da Raça? (DOMINGUES, 2007, p. 347).

as mulheres eram subalternizadas na entidade e alijadas dos cargos das instâncias decisórias, os quais eram monopolizados pelos homens. Nenhuma das frentenegrinas, por exemplo, compôs o “Grande Conselho” (instância máxima da FNB), provavelmente, porque prevalecia a concepção de que o papel social reservado “às meninas e moças” era o de “futuras esposas e mães”, como prescrevia Arlindo Veiga dos Santos (DOMINGUES, 2007, p. 358).

O esposo dá o pão e o conforto; a esposa, Deusa do lar, dá o beijo que encoraja e o carinho que revigora. [Em seguida, aconselhava que a mulher fosse] sempre fiel, dócil e carinhosa [para seu] esposo e defensor, [que] dará conforto e agasalho em seu terno coração (A Voz da Raça, 07/1936:3 apud DOMINGUES, 2007, p. 359).

A FNB e outras entidades, criadas no início do século XX, eram alimentadas pelas produções patriarcais impregnadas na sociedade brasileira. Às frentenegrinas cabiam atividades de menor prestígio social. Organizavam atividades recreativas como saraus e festivais, conhecido como “As Rosas Negras” e de assistência social, denominado de “Cruzada Feminina”. O primeiro era presidido por: **Benedita Costa** e, o segundo, tinha **Jersen de Paula Barbosa** como dirigente, **Francisca de Andrade** era vice-dirigente, **Celina Veiga** era a secretária e **Aracy de Oliveira** era a tesoureira.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

As fretenegrinas não tinham expressividade no Jornal da entidade, “A Voz da Raça”. As poucas, que se tem notícia, escreviam sem dar ênfase as condições específicas das mulheres negras Uma voz encorajadora do protagonismo das mulheres afrodescendentes é de **Celina Veiga**:

A mulher negra precisa hoje em dia enfrentar a mulher branca; para isso, temos as armas necessárias de combate, são as seguintes: tenhamos moralidade, amor aos nossos negrinhos; fazendo-lhes ver os deveres para com a Pátria; ilustrando a inteligência e o aperfeiçoamento das artes e ofícios, para as quais sentimos vocação, e, principalmente, concorrendo em tudo e por tudo com a mulher branca, pondo a nossa inteligência, o nosso preparo, a nossa atividade e o nosso patriotismo (Jornal A Voz da Raça apud DOMINGUES, 2007, p. 366)

Também, **Virginia Leone Bicudo** (1910-2003), pouco visibilizada entre as muitas pesquisas que abordam as relações raciais nas décadas de 1940 e 1950, é autora da primeira pesquisa de mestrado realizada no Brasil em 1942. No bojo dos discursos de democracia racial e da ausência de preconceito racial, mostrou a existência de grandes assimetrias nas relações sociais com base em critérios raciais. Fez um estudo articulando as diferenças de raça, gênero e classe social e, diferentemente de seu orientador Donald Pierson (1941 e 1944), compreendeu que o preconceito racial é uma variável relevante na organização e produção social (MACHADO, 2015).

No que se refere às produções de dissertações, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFMA, encontramos 22 (vinte e duas) mulheres afrodescendentes citadas, entre um total de 16 (dezesesseis) dissertações que versam sobre questões raciais e de gênero. A professora Petronília Silva, também aparece com maior expressividade nesse conjunto de produções, conforme demonstramos no gráfico 1.

Gráfico 1 - Mulheres negras citadas em dissertações do PPGE (2001-2017)



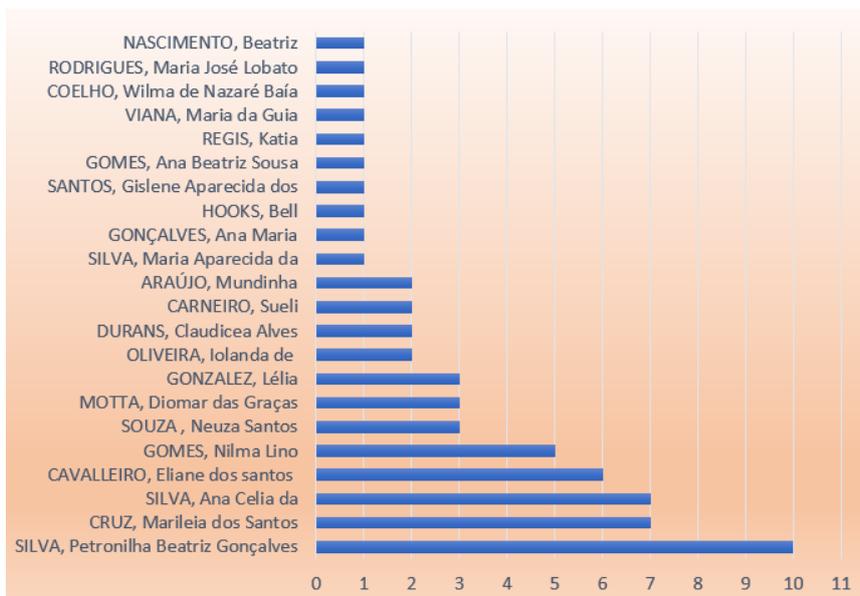
CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019



Fonte: Produzido pela autora

Essa estrutura de silenciamento nas produções científicas tem repercussão na sala de aula, pois, se a intelectuais afrodescendentes são obliteradas, a sua presença é ato que subverte uma ordem estabelecida: os corpos indesejáveis insurgem-se!!!

Nos cursos de graduação, são poucas as mulheres afrodescendentes intelectuais, que aparecem nas ementas dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) desses cursos. Na área da educação e, especialmente no PPP do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) foi possível localizar somente a indicação da **Prof.^a Dr.^a Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva** com o artigo: *Diversidade étnico-cultural e currículos escolares*, publicado no Cadernos Cedes, n.32, em 1993.

A presença de corpos femininos afrodescendentes na produção científica é um dos modos de se organizar e ampliar o coletivo de corpos subversivos que modificam essa estrutura de poder epistêmico. Para Davis (2017), importa enfrentar o adversário que é o racismo, despertando e encorajando novos ativismos, que podem ser ampliados



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

com a formação de intelectuais afrodescendentes e a sua inserção como referências de estudo nas universidades.

Nesse sentido, é preciso garimpar estudos que podem exprimir a representatividade do protagonismo das mulheres afrodescendentes que, não aparecem em boa parte das revisões bibliográficas. São produções que podem destacar riquezas de experiências africanas e afrodescendentes sem obliterar a mulher negra.

E, portanto, dialogando com Lélia Gonzales (1984), entendemos que a memória conhece os territórios de inscrições da história, sendo rejeitada e ocultada pela imposição dos discursos hegemônicos, mais também, conhece as táticas, astúcias, jogo de cintura de se revelar no interior do discurso dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos são, majoritariamente, masculinos e isto não se explica pela ausência de participações de mulheres afrodescendentes na arena política e de produções intelectuais no século XX. Virginia Leone Bicudo e as demais protagonistas do século XX, não aparecem entre muitas produções que abordam a problemática da questão racial, nesse período.

É fundamental destacar produções científicas com foco em epistemologias de subversão, descolonização e libertação da exclusividade da hegemonia masculina, branca e eurocêntrica. Outras fontes epistêmicas, que privilegiam experiências de sujeitos (in)visibilizados na lógica moderna imperial/colonial, são capazes de: 1) Abalar sistemas unidirecionais e universais como a **Universidade** brasileira; 2) Incentivar a produção de sistemas de conhecimento baseados na **Diversidade** (gênero e raça, dentre outros) ou **pluridiversidade**; 3) Desestabilizar a continuidade da legitimação de uma única formação epistêmica; 4) Descolonizar e transformar a rigidez de fronteiras



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

epistêmicas e territoriais estabelecidas e controladas no e pelos discurso hegemônicos; 5) Deslocar formas hegemônicas de conhecimento; 6) Transformar o processo de subalternização do conhecimento.

Nessa outra lógica, a criação de comunidades científicas, ou, grupos de “Rosas Afrodescendentes Intelectuais” com produções que enfatizam experiências e saberes da população afrodescendente da diáspora e da África fortalece as nossas lutas políticas e epistemológicas disseminando o protagonismo dos pensamentos e ações das mulheres afrodescendentes.

Movimentamos a estrutura social, destacando corpos subversivos como possibilidade de corporificar os currículos universitários com as experiências socioculturais, políticas, pedagógicas e intelectuais de mulheres afrodescendentes, exigindo: a) intervenções epistemológicas na produção de conhecimento; b) ampliação das participações intelectuais e sociais de sujeitos que valorizam experiências diversas; d) denúncia e rejeição de projetos monoculturais que, historicamente, tem definido estruturas curriculares excludentes na universidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Suelaine. Mulheres negras na educação: desafios para a sociedade brasileira. In: Carreira, Denise [et al.]. Gênero e educação: fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais. São Paulo: Ação Educativa, Cladem, Ecos, Geledés, Fundação Carlos Chagas. 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. Trad. Helci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DOMINGUES, PETRÔNIO. **Frentenegrinas**: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. **Cadernos Pagu**, nº 28, jan./jun., p. 345-374, 2007.



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs, 1984, p. 223-244

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. **Gênero e raça na educação a distância: há outras epistemologias na prática educativa de formação docente?** 2015. 240 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2015.

PAIXÃO, Marcelo; GOMES, Flávio. Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio. **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012.